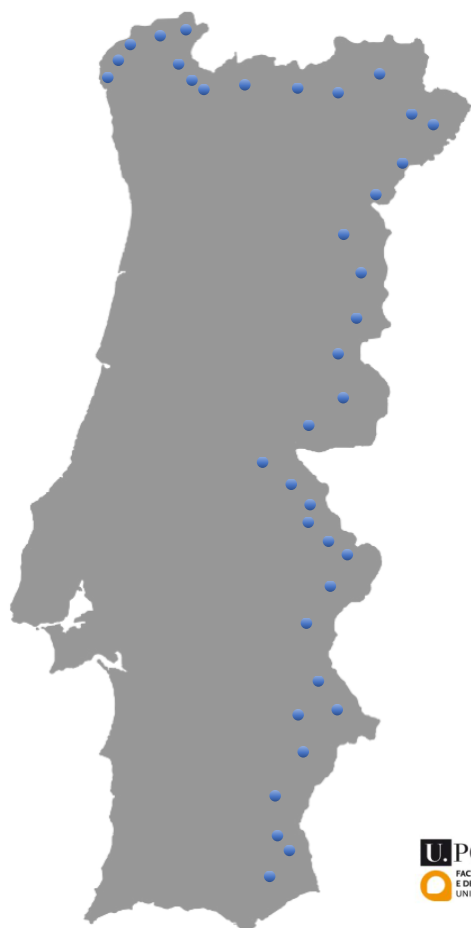


O que pensam jovens a crescer em regiões de fronteira sobre o seu futuro?

Policy Brief 2020

Marta Sampaio & Sofia Marques da Silva

CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Educação
Universidade do Porto



**Crescer em regiões de fronteira
em Portugal: jovens,
percursos educativos e agendas**



A investigação que permitiu a produção destes resultados recebeu fundos da FCT e do Compete 2020. Referência: PTDC/CED-EDG/29943/2017.

Financiament



Entidades Parceiras



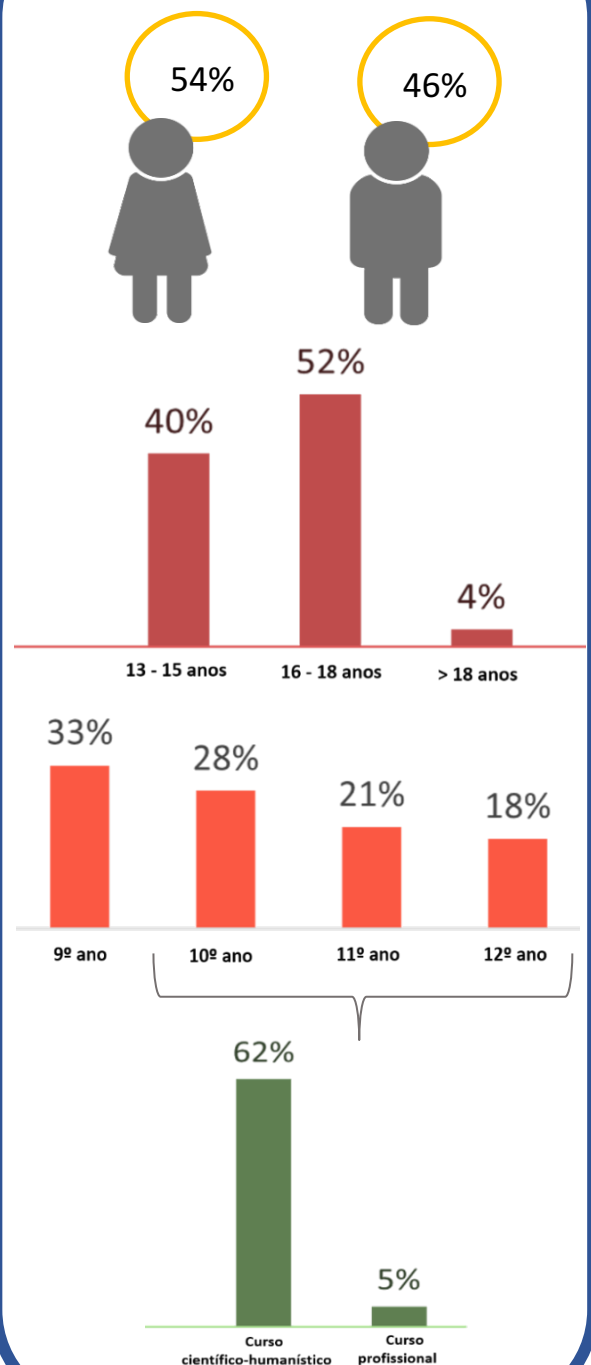
Introdução: o projeto

Este *policy brief* é produzido a partir de resultados do projeto GROW.UP (julho 2018-julho 2021). O objetivo principal do projeto é estudar o modo como dimensões de carácter individual, estrutural e sistémico concorrem na organização de trajetórias juvenis em regiões de fronteira. Neste sentido, reconhecendo desigualdades e desafios próprios que aquelas regiões podem ter, o projeto preocupa-se em conhecer abordagens resilientes protagonizadas por diferentes entidades (como escolas e municípios), dando particular ênfase ao modo como interagem com processos de construção de sentimentos de pertença e de um maior envolvimento de jovens na escola e nas suas comunidades. É neste quadro que o projeto investiga as expetativas de jovens no que diz respeito ao seu futuro através da aplicação de um questionário. Os resultados permitem-nos chegar a algumas tendências e padrões.

GROW.UP em números

3968 Jovens
38 Municípios
76 Entrevistas
18 Grupos de Discussão
6 Estudos de Caso
60 Youth Stories

Questionários



Alguns desafios colocados a jovens em regiões de fronteira

Alguns municípios não têm ensino secundário

Deixar a região para prosseguir estudos

Menor diversidade de oferta formativa ao nível do Ensino Superior

Foco de Análise | Questionários

Quais as aspirações e expetativas de jovens a crescer em regiões de fronteiras no que diz respeito ao seu futuro e ao Ensino Superior?

- Compreender as expetativas e planos futuros de jovens em regiões de fronteira de Portugal Continental.
- Retratar os objetivos dos jovens, nomeadamente se pretendem ingressar no Ensino Superior ou no mercado de trabalho.
- Situar os resultados numa estrutura específica de oportunidades influenciada pela localização geográfica de fronteira.

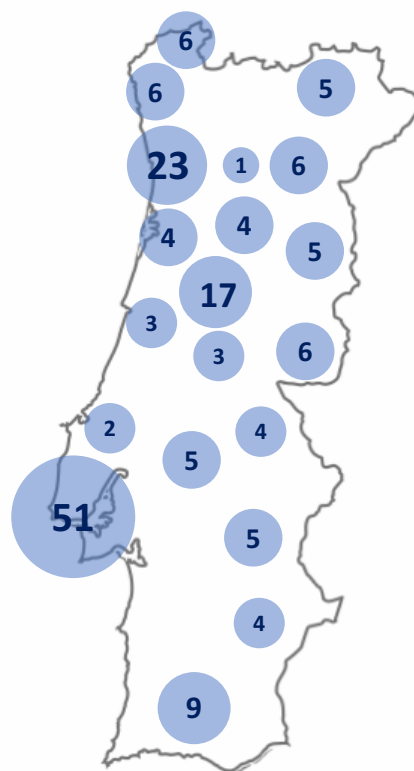
Sobre crescer em regiões de fronteira

Em Portugal existem disparidades inter-regionais, situação apontada como um entrave a uma performance económica estável e a uma maior equidade social. Recentemente têm sido desenvolvidas políticas para o desenvolvimento regional, como é exemplo o Programa Nacional para a Coesão Territorial. Neste documento chama-se a atenção para o facto de Portugal estar numa tendência crescente de litoralização, o que provoca assimetrias territoriais com impacto em pessoas e seus contextos e organizações. É neste enquadramento que poderão ser melhor entendidos os desafios maximizados pela questão de periferia que jovens enfrentam no que ao Ensino Superior diz respeito. Por um lado, existem municípios de fronteira que não oferecem ensino secundário e, portanto, os/as jovens têm a necessidade de deixar a região para prosseguir estudos. Por outro lado, há uma menor diversidade de oferta formativa ao nível do ensino superior nas regiões de fronteira. Mais de 60% das instituições de ensino superior (IES) localizam-se no litoral do país. Quando se analisam as oportunidades percebidas e as possibilidades de investimento no seu futuro não se estranham os resultados que apontam para o facto das famílias e escolas investirem e insistirem na organização de percursos de jovens voltados para o prosseguimento de estudos no Ensino Superior (ES).

De acordo com o Estado da Educação 2018 (CNE, 2018), existe uma tendência crescente para a redução do número de estudantes nas instituições de ensino superior do interior, de cerca de 48.000 em 2001 para pouco mais de 38.000 em 2016.

Portugal, à semelhança de muitos países europeus, tem a sua população concentrada nas cidades e do litoral. Porto e Lisboa concentram quase 50% da população nacional e são essas cidades que disponibilizam um maior número de bens e serviços, de educação, saúde, infraestruturas de transporte adicionais, entre outros (CNE, 2018). A figura 2, para além de confirmar a concentração de população jovem matriculada no ES em regiões urbanas e de litoral, mostra que dos 38 municípios de fronteira apenas 5 têm um número mais elevado de indivíduos inscritos no ES (Valença, Bragança, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portalegre e Elvas). Deste 5 municípios, 3 têm instituições de ES o que pode explicar esta maior concentração. Aliás, os fluxos regionais de estudantes do ES parecem mostrar que a tendência é concentrarem-se em IES das suas regiões.

Fig. 1: Distribuição dos Estabelecimentos de Ensino Superior Público em Portugal Continental



DGEEC/ME-MCTES, PORDATA (2019)

Fig. 2: Indivíduos matriculados no Ensino Superior por Município em Portugal Continental em 2018/19



Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2018)

Estudar ou trabalhar?

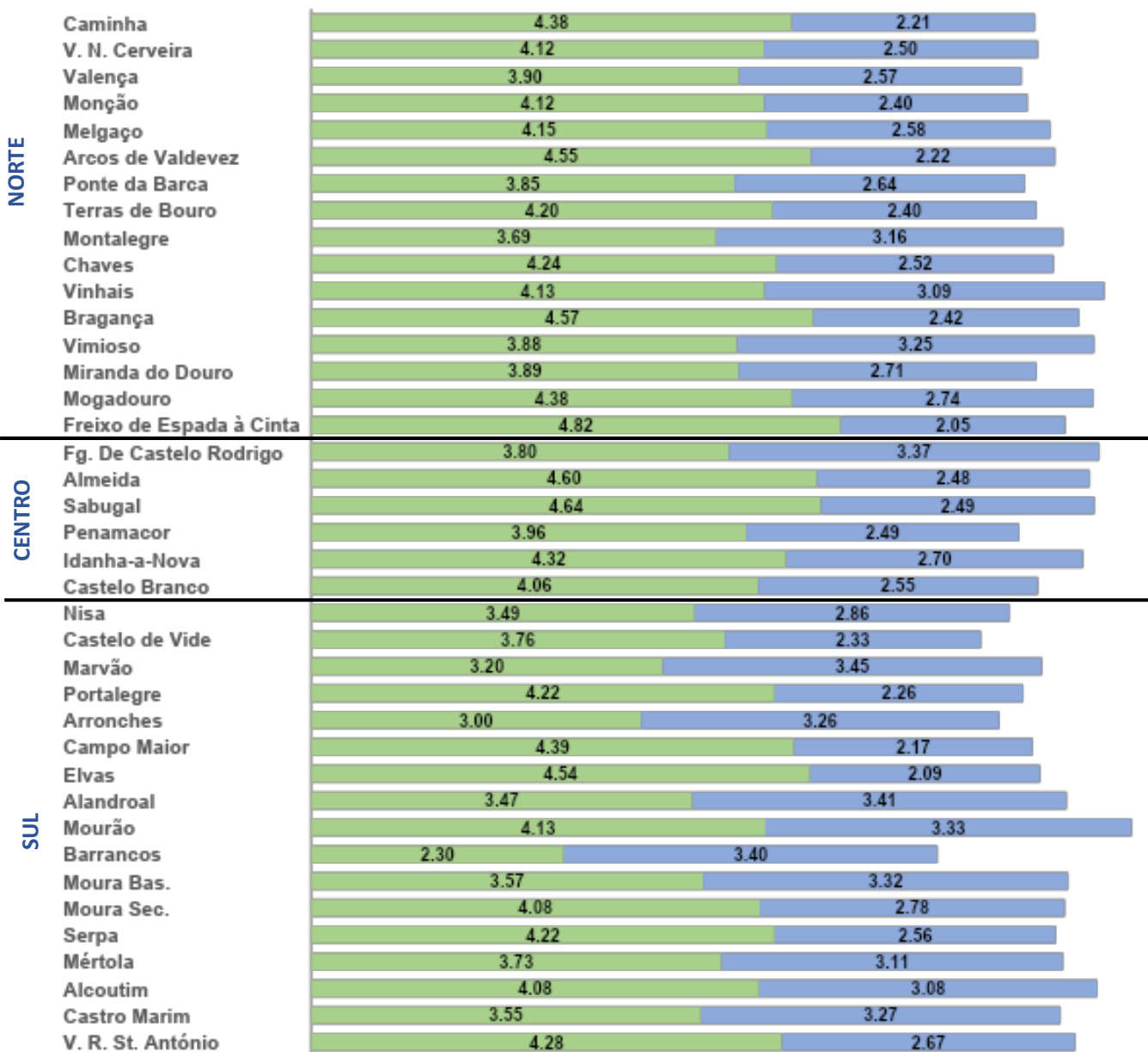
Aspirações e expectativas de jovens a crescer em regiões de fronteiras no que diz respeito ao seu futuro e ao Ensino Superior

Média das respostas

Pouca concordância Muita concordância
Escala de Resposta 1 2 3 4 5

Depois do 12º ano pretendo ir para o Ensino Superior

Depois do 12º ano pretendo começar a trabalhar



RESULTADOS

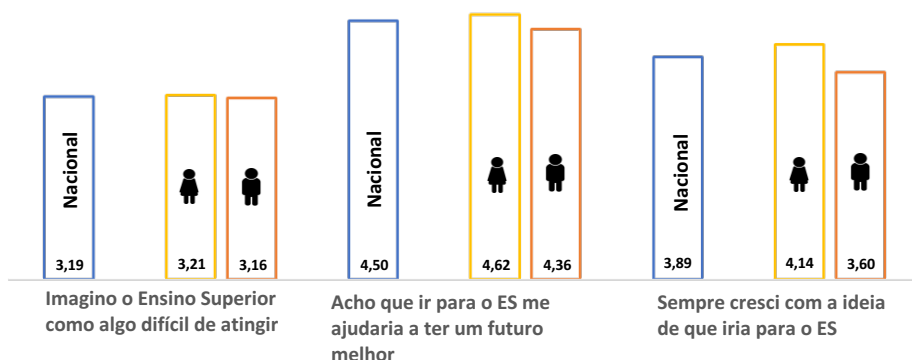
Quando inquiridos/as sobre as suas expectativas para o futuro depois da escolaridade obrigatória, a maioria dos/as jovens apresenta elevada concordância com a ideia de prosseguir estudos no Ensino Superior. Estes valores podem ser explicados por diversos motivos, nomeadamente: boas classificações; o município ter ou estar próximo de instituições de ensino superior; classe social; e existirem ou não oportunidades de emprego na região, uma vez que aqueles que têm valores mais elevados, por exemplo, representam casos com condições muito diversas e não parecem ter fatores explicativos partilhados na totalidade. Este facto leva-nos a admitir a relevância de olhar para estes contextos como heterógenos e com dinâmicas locais próprias de estímulo ou não ao prosseguimento de estudos. Existem valores mais baixos de concordância no que diz respeito à opção de integrarem o mercado de trabalho (M = 2,58; DP = 1,41). Note-se que para uma grande parte de jovens que residem em regiões de fronteira prosseguir estudos para o Ensino Superior implica decisões em termos de mobilidade e investimento.

Crescer em regiões de fronteiras com o Ensino Superior no horizonte

Média das respostas



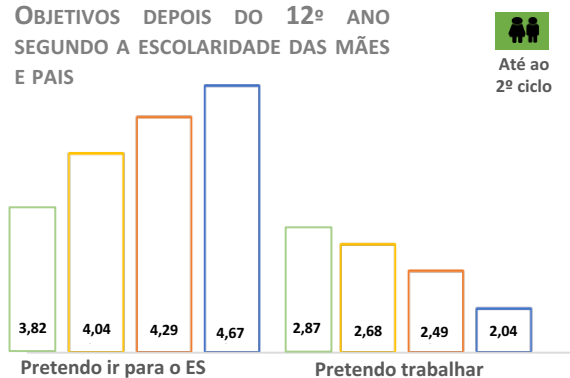
RELAÇÃO COM O ENSINO SUPERIOR (ES)



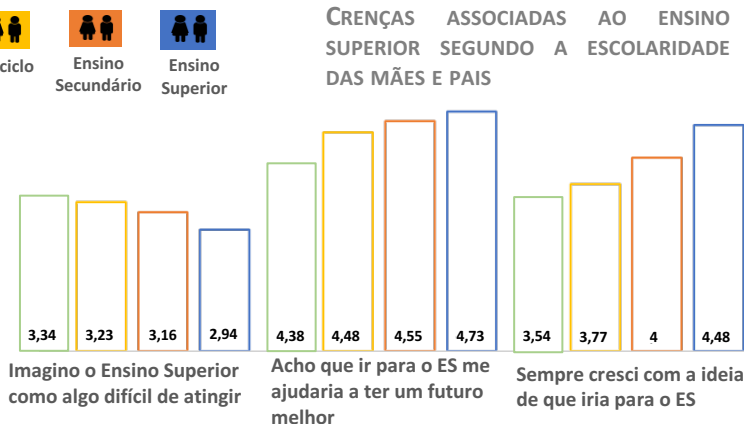
Existe uma elevada perceção do impacto de educação ao nível do Ensino Superior mesmo em regiões com menos instituições daquele nível de ensino, pelo que se pode explicar por um maior acesso a informação, mas também por uma socialização para este investimento, nomeadamente por parte das famílias e escola. Os valores elevados sobre crescerem com ideia de ir para o ensino superior parece corroborar aquela ideia, apresentando as raparigas valores de concordância um pouco mais elevados.

Key Finding: a situação de território mais periférico parece não influenciar o modo como jovens percebem a relevância do ES.

OBJETIVOS DEPOIS DO 12º ANO SEGUNDO A ESCOLARIDADE DAS MÃES E PAIS



CRENÇAS ASSOCIADAS AO ENSINO SUPERIOR SEGUNDO A ESCOLARIDADE DAS MÃES E PAIS



Existe uma elevada concordância com a intenção de ir para o ES. Jovens cujos pais e mães têm a mesma escolaridade apresentam valores de concordância maiores com a intenção de ir para o ES. No entanto, mesmo jovens cujos pais e mães têm escolaridade até ao 2º ciclo apresentam valores médios elevados (M=3,82; DP= 1,45). De notar que há muito menos concordância com o pretenderem ir trabalhar após o 12.º ano, mesmo quando pais e mães tem escolaridade mais baixa. Quanto menor a escolaridade dos pais e mães mais os/as jovens acham o ES difícil de atingir, apesar dos valores não terem diferenças muito significativas.

Key Finding: A escolaridade dos pais e das mães não é um fator muito significativo na perceção que jovens têm sobre a relevância do Ensino Superior para o seu futuro.

QUE ITENS SE ASSOCIAM MAIS AO OBJETIVO DE PROSSEGUIR PARA O ENSINO SUPERIOR DEPOIS DO 12º ANO?

- Sempre cresci com a ideia de que iria para o ES (r = .73)*
- Acho que ir para o Ensino Superior me ajudaria a ter um futuro melhor (r = .61)*
- Invisto na escola para poder ter um futuro melhor (r = .49)*
- Quando penso no futuro, penso sempre em estudar ou trabalhar noutra região (r = .31)*
- A minha família sempre me estimulou a estudar (r = .31)*

QUE ITENS SE ASSOCIAM AO OBJETIVO DE COMEÇAR A TRABALHAR DEPOIS DO 12º ANO?

- Tenho de começar a trabalhar, porque quero ajudar a minha família (r = .44)*
- Acho que ir para o ES me ajudaria a ter um futuro melhor (r = -.44)*
- Sempre cresci com a ideia de que iria para ES (r = -.35)*

A intenção dos/as jovens prosseguirem para o Ensino Superior após o 12º está, em primeiro lugar, mais fortemente associada com processos de continuidade e de socialização para este percurso educativo. Contudo, a família não parece ser o único fator a contribuir para crescerem com a ideia de que irão para o Ensino Superior.

A intenção dos/as jovens começarem a trabalhar depois do 12º ano prende-se com a vontade de ajudar as famílias. Existe uma associação moderada entre a maior intenção de trabalhar e a menor concordância com o impacto positivo do Ensino Superior no seu futuro.

Sair ou ficar: intenções sobre o futuro e a relação com a sua região

Média das respostas

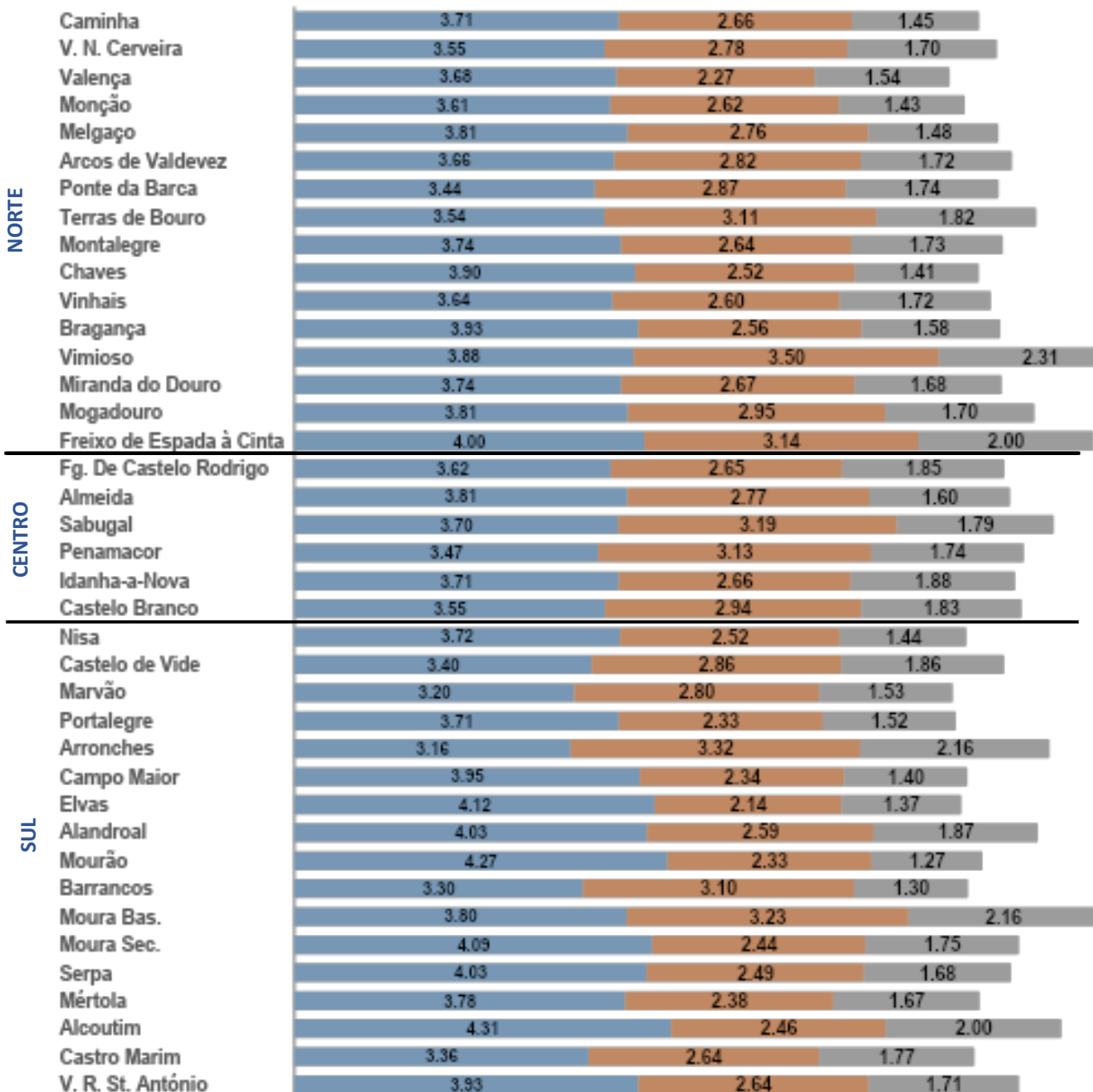
Escala de Resposta

Pouca concordância 1 2 3 4 5 Muita concordância

Quando penso no futuro, penso sempre em estudar ou trabalhar noutra região

Gostava de poder continuar os estudos nesta região

Só penso ir para o Ensino Superior se for para uma universidade desta região



Os resultados indicam que jovens das regiões de fronteira em Portugal pretendem ou esperam no futuro trabalhar ou estudar numa região diferente da sua. Há valores muito baixos de concordância com a ideia de só ir para o ES se for na sua região, o que pode ser explicado por falta de oferta ao nível do ES em muitos dos contextos de fronteira, em particular no Sul do país. É interessante verificar que há valores médios com algum relevo em algumas regiões sobre gostarem de continuar a estudar na sua região. Os resultados são claros em mostrar que quando pensam em ir para o ES não é um plano dependente da condição de irem apenas para IES na sua região.

Key Finding: os valores mais elevados para sair são de municípios que não oferecem a escolaridade obrigatória e, consequentemente, os jovens são obrigados a deslocarem-se para outra região para completar o 12º ano o que pode condicionar a perceção de ida para o ES ou trabalhar para outra região do país.

Algumas recomendações



Reduzir as disparidades que encontramos em termos de igualdade de oportunidades em duas áreas fundamentais como a educação e o emprego parece beneficiar de uma abordagem mais compreensiva e de governança multinível, tendo em conta a heterogeneidade destas regiões.



O investimento na educação, nomeadamente ao nível do Ensino Superior, parece fazer parte da socialização de jovens das diferentes regiões de fronteira mesmo tendo implicações acrescidas em termos de mobilidade.

Reconhecendo que uma grande parte de jovens de regiões de fronteira apresenta valores de concordância elevados relativos à ideia de ir para o Ensino Superior – mesmo que não existam instituições deste nível de ensino nas suas regiões – importa promover políticas mais descentralizadas, através da concertação de sectores de decisão locais e nacionais de forma a mitigar desequilíbrios e suportar percursos sociais e educativos que respondam às aspirações juvenis.



GROW.UP.

Coordenação

Sofia Marques da Silva | CIIE/FPCEUP

Helena Costa Araújo | CIIE/FPCEUP

Equipa de Investigação

Eva Oliveira | IPCA

Isabel Costa | UTAD

Armando Loureiro | UTAD

Rui Serôdio | FPCEUP

Gil Nata | FPCEUP

Vítor Dias | IPDJ

Joana Freitas | APCER

Ana Milheiro Silva | CIIE/FPCEUP

Nicolas Martins da Silva | CIIE/FPCEUP

Marta Sampaio | CIIE/FPCEUP

Sara Pinheiro | CIIE/FPCEUP

Isabel Senra | IPCA

Saiba mais em:



www.growup.up.pt



[grow.up.fronteiras](https://www.instagram.com/grow.up.fronteiras)



grow.up@fpce.up.pt



[Grow.UP](https://www.facebook.com/Grow.UP)

Próximos *Policy Briefs* sobre:

- Escolas Resilientes
- Comunidades Resilientes
- Mobilidade
- Sentimento de pertença
- Retratos de participação jovem